

UM NOVO... ROMANCE? BIOGRÁFICO? DE VIRGINIA WOOLF

Neurivaldo Campos Pedroso Junior
UFMS

“Ser possuído pelo ‘mal do arquivo’ é ter a paixão e a nostalgia da origem, o desejo infinito da memória e do esquecimento”.
Eneida Maria de Souza, *Males do arquivo*. p.81.

As palavras de Eneida Maria de Souza conduzirão a nossa reflexão sobre a escrita woolfiana, uma vez que esta é marcada pelo gesto de arquivar fatos, situações e experiências. Logo, o conceito de “arquivo” não será aqui tomado na sua acepção comum, ou seja, o trabalho de preservação, organização e divulgação dos acervos dos escritores. Para nós, o arquivo será lido como uma “impaciência absoluta de um desejo de memória”.¹ É a partir desse lugar de entrecruzamento entre arquivo, escrita e memória que se dará a nossa leitura de *Passeio ao farol*, ainda mais por que procuraremos discutir seu caráter biográfico, pois, muitos são os estudiosos que apontam para a possibilidade de lê-lo como um romance biográfico. É o caso, por exemplo, de Hermione Lee, que afirma com propriedade e autoridade que o romance “is about her childhood, her relationship with her father as she grew up, her terrible grief for her mother and her feelings of edgy solidarity with her siblings.”²

De nossa reflexão sobre o caráter biográfico em *Passeio ao farol*, não poderemos descartar as anotações feitas por Virginia Woolf nos seus diários durante a escrita do romance, pois concordamos com Thereza M. L. de Castro Faria, quando a estudiosa afirma que “a contribuição dos ensaios críticos e das fontes autobiográficas recém-publicadas, como as cartas e os diários completos, é inestimável para uma melhor

¹ DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo* : uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. p.9.

² LEE, Hermione. Introduction. In: WOOLF, Virginia. *To the Lighthouse*. Londres: Penguin, 1992. p.xxxii

apreensão dos sutis efeitos que a autora procurou produzir, enriquecendo a arte ficcionista.”³

Seguimos assim as tendências de uma crítica literária brasileira que se dá num lugar de tangenciamento entre os estudos literários, comparatistas, culturais e a crítica biográfica. Tal crítica tem instaurado um “apagamento das margens” e das “fronteiras” disciplinares, ora por esquecimento, ora por convenções. Esses procedimentos reforçam o caráter interdisciplinar da crítica literária atual e abrem a literatura “para outras formas de experiência humana acima de fronteiras disciplinares, tornando evidente que a rígida separação de disciplinas por especializações podem levar a um contraprodutivo e paralisante isolamento”⁴

Não querendo incorrer em um “contraprodutivo e paralisante isolamento”, a nossa reflexão, ao estabelecer uma ponte metafórica entre fato e ficção e confrontar os diários, as cartas com o romance de Virginia Woolf, mostrará que a imagem do sujeito que se constrói é a de um sujeito fragmentado, cindido, posto que “não se acredita mais no estereótipo da totalidade e nem no relato de vida como registro de fidelidade e auto-controle”⁵

A memória torna-se importante durante a elaboração e a escrita de *Passeio ao farol*, sobretudo, se levarmos em consideração as inúmeras anotações de Virginia Woolf em seu diário ao longo da escrita do romance. Tais anotações vêm confirmar que aquele

³ CASTRO FARIA, Thereza Melo Lustoza de. To the lighthouse: a unidade da obra prima na cumplicidade da prosa poética com a pintura e o cinema. *Virginia Woolf- Ilha do Desterro: a Journal of Language and Literature*, Florianópolis, nº 24, 2º semestre 1990, 1990. p.78.

⁴ CARVALHAL, Tania Franco. Interfaces da Literatura Comparada. In: NOLASCO, Paulo Sérgio. (Org.). *Literatura Comparada : interfaces & transições*. Campo Grande : UCDB/UFMS, 2001. p.14

⁵ SOUZA, Eneida Maria. Notas sobre a crítica biográfica. In: PEREIRA, Maria Antonieta & REIS, Eliana Lourenço de L. (Orgs.) *Literatura & Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000. p.45

nasce baseado nas figuras dos pais da escritora bem como nas férias passadas na Cornualha durante sua infância e adolescência.

John Lehmann, um dos biógrafos de Virginia, aponta para o fato de que as férias passadas na Cornualha foram de grande importância para a imaginação da escritora. Ele observa que :

“A excitação entre as crianças era imensa e as alegrias de navegar, pescar, brincar à beira-mar, observar os navios que passavam durante o dia e os fachos de luz do farol de Godrevy, à noite, calaram fundo em suas memórias. Para Virginia transmutaram-se nos símbolos de sua arte, emergindo não apenas, embora com mais fama em *To the Lighthouse*, mas também em *Jacob's Room* e *The Waves*”.⁶

De fato, uma das primeiras anotações feitas por Virginia Woolf em seu diário sobre *Passeio ao farol* é : “Aqui concebo minha história – mas estou sempre a conceber histórias, agora. Contos – cenas – por exemplo : ‘O Velho’ (uma personagem a partir de L. S.).⁷ Tal afirmação feita em 6 de janeiro de 1926, só vem a confirmar a idéia inicial de que, em 17 de Outubro de 1924, ao escrever no mesmo diário “Já estou a ver o Velho”, a escritora já estava pensando em transformar seu pai em personagem de um novo romance.

É entretanto em 14 de Maio de 1925 que a escritora mostra não ser apenas o pai “material” para o seu próximo livro, mas também a mãe, Julia Stephen. É novamente nos Diários que encontramos a seguinte afirmação :

Agora estou a fazer todos os possíveis por parar com o jornalismo e avançar para *To the lighthouse*. Vai ser bastante curto : vai ter o caráter do pai por inteiro; e o da mãe; St. Ives e a infância e todas as coisas do costume que tento incluir – a vida, a morte, etc. Mas o centro é a personagem do pai sentado num barco a recitar ‘Perecemos, eu e ele sós’, enquanto esborrachava uma cavala moribunda”.⁸

⁶ LEHMANN, John. *Virginia Woolf*. Trad. Isabel do Prado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987. p.9-10.

⁷ WOOLF, Virginia. *Diário*. Primeiro volume: 1915-1926. Trad. Maria José Jorge. Lisboa: Bertrand, 1985. p.364.

⁸ WOOLF, Virginia. *Diário*. Primeiro volume: 1915-1926. Trad. Maria José Jorge. Lisboa: Bertrand, 1985. p.363.

As primeiras anotações feitas por Virginia Woolf sobre *Passeio ao farol* trariam seu pai como personagem principal. Entretanto, o que se percebe após uma primeira leitura é que a figura da mãe é mais presente, senão em quase todo o livro, mas principalmente no primeiro capítulo. Com a morte da Sra Ramsay, parece – nos que sua figura vai perdendo um pouco a força dando lugar a figura paterna, mas sem que isso implique no seu desaparecimento total, pois, no último capítulo, depois de já terem se passado dez anos, encontramos a pintora Lily Briscoe a atestar a forte influência da Sra Ramsay sobre as pessoas e os objetos, é também, no último capítulo que acontece o tão esperado “passeio ao farol”.

Notamos na última parte do livro um certo trabalho com a memória dá-se de forma mais explícita, sobretudo porque temos a pintora Lily Briscoe a recordar ou rememorar os acontecimentos de anos passados. Entretanto, este trabalho com a memória não pode e não deve ser entendido apenas pelos atos de recolher, selecionar, combinar e arquivar os fatos e as emoções, mas também, *apagar e esquecer*.

Lily Briscoe, por exemplo, ao voltar à casa dos Ramsays após dez anos, é tomada por um certo vazio com relação aos seus sentimentos por aquela casa e pela pessoas, tal vazio é expresso quando a pintora observa: “Pois na realidade, o que sentia ao voltar ali depois de todos aqueles anos, depois da morte da Sra Ramsay. Nada, nada – absolutamente nada que conseguisse expressar”.⁹ Este vazio que toma conta de Lily Briscoe pode ser lido também como o vazio que se apossou de Virginia e seus irmãos quando dez anos após a morte de Julia Stephen eles voltam para Talland House na Cornualha e espantam-se com o clima fantasmagórico do lugar. Sobre essa experiência a escritora anota: “It was a ghostly thing to do” e mais ainda “There was the house ...

⁹ WOOLF, Virginia. *Passeio ao farol*. Trad. Luiza Lobo. São Paulo: Circulo do Livro, 1926. p.133.

there were the stone urns, against the bank of tall flowers; all so far as we could see was as though we had but left it in the morning. But yet as we knew well, we could go no further; if we advanced the spell was broken. The lights were not our lights; the voices were the voices of strangers”.¹⁰

E assim, parece que a luz do farol descrita na primeira parte do livro, está a todo o momento a reacender alguma frase, alguma experiência adormecida no fundo da mente de Virginia Woolf. É, então, com um certo tom elegíaco que a escritora pinta os perfis de seus pais, que são também, símbolos de toda uma sociedade vitoriana. Esses perfis foram traçados de tal forma, que levaram Vanessa Bell, irmã de Virginia, a escrever-lhe após a leitura do livro e afirmar :

“De qualquer modo pareceu-me que, na primeira parte do livro, você fez um retrato de nossa mãe mais parecido com ela do que qualquer coisa que eu jamais tenha imaginado possível. É quase doloroso vê-la ressurgir dos mortos. Você fez sentir a extraordinária beleza do seu caráter, o que deve ser a coisa mais difícil de fazer no mundo. Foi como encontrá-la de novo, a gente crescida & em termos de igualdade & parece-me a mais espantosa façanha da criação ter sido capaz de vê-la desse modo... Você também mostrou papai com a mesma clareza, penso mas talvez eu possa estar errada, e isso não seja tão difícil. *Há mais coisas para captar.*”¹¹

Sim, há mais coisas para captar e Virginia sabia disso. Sabia também da impossibilidade de apresentar seus pais como sujeitos não-fragmentados, não-cindidos. É, novamente Lily que ao lembrar da Sra. Ramsay, afirma : “Cinquenta pares de olhos não seria suficientes para açambarcar essa mulher única”.¹² O mesmo podemos afirmar sobre os pais da escritora, cinquenta pares de olhos não seriam suficientes para captá-los em sua totalidade.

¹⁰ WOOLF, Virginia *apud* LEE, Hermione. Introduction. In: WOOLF, Virginia. *To the Lighthouse*. Londres: Penguin, 1992. p. xxxv

¹¹ BELL, Vanessa *apud* BELL, Quentin. *Virginia Woolf – uma biografia*. 1882-1941. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Guanabara S.A., 1988. p.414.(grifo nosso)

¹² WOOLF, Virginia. *Passeio ao farol*. Trad, Luiza Lobo. São Paulo: Circulo do Livro, 1926. p.66.

É interessante observar que este trabalho de escrever sobre os mortos trouxe para a escritora um certo alívio, uma vez que, com certa frequência ela era obcecada pelas vozes de seus pais. Seus pais tornam-se, assim, “personagens-bonecos”, os quais a autora manipula de forma a se encaixarem às suas fantasias e às distorções próprias do texto ficcional. É significativo o trecho extraído das memórias de Pedro Nava, quando o escritor observa que ao escrever sobre seus parentes, num impulso de acerto de contas, não descarta o trabalho ficcional que aí se engendra.

“Minha moral, como dizia Mário de Andrade, não é a moral cotidiana. Poderia ? escrever sem remorso o que escrevi de certos parentes meus; Sim. Porque para mim eles perdem o caráter de criaturas humanas no momento em que começo a escrevê-los. Nessa hora eles viram personagens e criação minha. Passam a me pertencer como pertenci a eles no preciso instante em que me ofenderam, humilharam e fizeram sofrer minha infância. Vivos ou mortos eu tenho que suprimi-los o que faço ferindo pela escrita – já que esta é a arma que me conferiu a natureza”.¹³

Somos forçados a questionar (e aqui se justifica a interrogação do nosso título) onde se colocam os limites entre a vida e a ficção ? Entre memória e ficção? Podemos indagar acerca desses limites, entretanto, dificilmente saibamos traçá-los com clareza e exatidão. Em Virginia Woolf é interessante observar, como nos mostra Paulo Nolasco que “ao evocar fatos, passagens e emoções da infância e adolescência, tudo não passa de mero pretexto para a elaboração de sua escrita ficcional”.¹⁴ Devemos, então, tentar montar esse quebra-cabeça ficcional, onde peças da vida tanto quanto da ficção se misturam e se completam, entretanto, algumas peças foram/estão escondidas, impossibilitando assim que se complete e se feche esse quebra-cabeça.

¹³ NAVA, Pedro. *Beira-mar. Memórias/4*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974. p.210.

¹⁴ NOLASCO, Paulo. *Nas malhas da rede: uma leitura crítico-comparativa de Julio Cortázar e Virginia Woolf*. Campo Grande: Ed.UFMS, 1998. p.122.

Referencias Bibliográficas

- BELL, Quentin. *Virginia Woolf* – uma biografia.1882-1941. Trad. Lya Luft. Rio de Janeiro: Guanabara S.A., 1988.
- CASTRO FARIA, Thereza Melo Lustoza de. To the lighthouse: a unidade da obra prima na cumplicidade da prosa poética com a pintura e o cinema. *Virginia Woolf- Ilha do Desterro: a Journal of Language and Literature*, Florianópolis, nº 24, 2º semestre 1990, 1990. p.65-91.
- CARVALHAL, Tania Franco. Interfaces da Literatura Comparada.In: NOLASCO, Paulo Sérgio.(Org.). *Literatura Comparada : interfaces & transições*.Campo Grande : UCDB/UFMS, 2001. p.11-20.
- DERRIDA,Jacques. *Mal de arquivo : uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LEE, Hermione. Introduction. In: WOOLF, Virginia. *To the Lighthouse*. Londres: Penguin ,1992.
- LEHMANN, John. *Virginia Woolf*. Trad. Isabel do Prado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.
- NAVA,Pedro. *Beira-mar.Memórias/4*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- NOLASCO,Paulo. *Nas malhas da rede: uma leitura crítico-comparativa de Julio Cortázar e Virginia Woolf*. Campo Grande: Ed.UFMS, 1998.
- SOUZA, Eneida Maria. Males do arquivo. In: MARQUES, Reinaldo & BITTENCOURT, Gilda Neves. (Orgs.) *Limiares Críticos: ensaios de literatura comparada*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. p.81-88.
- SOUZA, Eneida Maria. Notas sobre a crítica biográfica. In: PEREIRA, Maria Antonieta & REIS, Eliana Lourenço de L. (Orgs.) *Literatura & Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG,2000. p.43-51

WOOLF, Virginia. *Diário*.Primeiro volume:1915-1926. Trad. Maria José Jorge. Lisboa:
Bertrand,1985.

WOOLF, Virginia. *Passeio ao farol*.Trad, Luiza Lobo. São Paulo: Circulo do Livro,1926.